

CAPÍTULO II

***As dimensões formativas na perspectiva
Franciscano-capuchinha***

Como a formação tende à transformação de toda a pessoa em Cristo, deve prolongar-se por toda a vida tanto em ordem aos valores humanos quanto à vida evangélica e consagrada. Por isso, a formação envolve a pessoa toda, em todos os aspectos de sua individualidade, nos comportamentos e nas intenções; e compreende a dimensão humana, cultural, espiritual, pastoral e profissional, com toda a atenção para favorecer a integração harmoniosa dos diversos aspectos (Const. 23,2).

- Guia de leitura -

1. Significado do capítulo II

Integração é a palavra-chave que nos ajuda a adentrar neste capítulo. Todo processo de formação deve compreender, de modo equilibrado, todas as dimensões que delineiam o homem: a dimensão humana, espiritual, intelectual, profissional, etc. Com liberdade e criatividade, tais dimensões devem ser expressadas, a fim de que os nossos processos formativos não gerem *deformações e desequilíbrios psicoafetivos*. Todas as dimensões são igualmente importantes e devem estar presentes.

As dimensões não são assépticas, são todas mediadas pelos próprios valores culturais e carismáticos. O presente capítulo é uma tentativa de leitura das dimensões formativas partindo dos valores carismáticos que formam a nossa identidade, tendo como base os princípios fundamentais da antropologia franciscana. Somente partindo destas coordenadas, podemos descobrir a especificidade da nossa vocação e da nossa forma de vida.

O número 4,2 das nossas Constituições exprime com clareza e brevidade os quatro elementos essenciais da nossa identidade, que constituem o ponto constante de referência ao longo de todo este capítulo: *A fraternidade e a minoridade são aspectos originários do carisma que o Espírito nos concedeu; esses informam também a dimensão contemplativa e apostólica de nossa vocação. Dóceis ao mesmo Espírito, esforçemo-nos por viver em plenitude esse ideal evangélico.*

2. Estilo, estrutura e metodologia

Com o auxílio da linguagem *poética* no Capítulo I, apresentamos São Francisco, de modo que, através de seu caráter universal e simbólico, possa inspirar a nossa forma de vida nas diversas culturas. Por sua vez, o Capítulo II, em harmonia com os conteúdos de tipo pedagógico apresentados por ele, usa uma linguagem de caráter *exortativo*, enquanto que a linguagem *normativa* é reservada apenas ao Capítulo III.

O texto se divide em cinco partes. A primeira, em estreita relação com o Capítulo I, aborda a dimensão carismática que, por sua vez, garante a especificidade franciscano-capuchinha das demais quatro dimensões.

O texto é o resultado das reflexões dos membros do CIF, iluminadas pelas sugestões de diversos peritos e também pelas indicações do recente documento da Congregação para o Clero: *O dom da vocação presbiteral. Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis* (8 de dezembro de 2016).

3. O nosso objetivo

Mais uma vez, exprimimos o desejo e a vontade de que o texto final da nossa *Ratio Formationis* seja coletivo, dinâmico e aberto às propostas e sugestões dos frades. A participação de todos é decisiva.

Para a revisão dos Capítulos II e III, é certamente prioritária, mas não de maneira exclusiva, a participação das casas de formação. Pedimos aos formadores e formandos que verifiquem, de modo crítico, se as cinco dimensões aqui expostas estão presentes na respectiva etapa em que se encontram neste momento.

E continuamos a insistir em um dos objetivos centrais da nossa *Ratio*: unidade carismática na diversidade cultural. Através do estudo e da reflexão compartilhada destes capítulos, esperamos que se manifestem propostas e intuições que nos ajudem a captar a riqueza destas dimensões em cada cultura em que é vivido o nosso carisma capuchinho.

4. Chaves de leitura

- Antropológica:

A antropologia franciscana é caracterizada pelo fato de ser dinâmica e positiva, pois o aspecto **relacional-experiencial** é a sua categoria interpretativa fundamental.

- Cristológica:

A pessoa de Jesus nos põe sempre diante de uma sã tensão entre o divino e o humano. O **seguimento**, como estilo de vida, apresenta-se como vínculo que inclui todas as dimensões. Deve-se fazer atenção para não se reduzir a *sequela Christi* ao academicismo, ao moralismo ou ao individualismo.

- Franciscana:

A categoria do seguimento, na cristologia franciscana, centra a sua atenção na contemplação dos mistérios da humanidade de Jesus, especialmente nos eventos do seu nascimento, da sua paixão e da sua morte. Por outro lado, o aspecto relacional em chave franciscana faz da **fraternidade** o espaço próprio do crescimento e da harmonização recíproca das diversas dimensões.

- Capuchinha:

A **sobriedade** é a categoria que melhor define a interpretação capuchinha da realidade, na qual a simplicidade e a singeleza se tornam um caminho de busca do essencial. Pertence ao nosso carisma também a categoria **reforma**, compreendida como exigência existencial de contínua atualização e renovação.

1. A reforma capuchinha tentou interpretar, ainda uma vez, a forma de vida franciscana. O segredo é retornar, sempre de novo, ao irmão Francisco, *Forma Minorum*, não para repetir literalmente as suas experiências, mas para recriar, nos novos contextos culturais, suas genuínas intuições. Fidelidade e criatividade são as chaves para seguir mais de perto e amar Jesus mais intensamente. Levando em conta sempre o *Testamento* de Francisco, os capuchinhos se propõem em recuperar uma vida mais fraterna e mais simples, em lugares solitários e, todavia, não distantes do povo, vivendo em estruturas simples que não comprometam a liberdade, buscando o silêncio que permite escutar juntos a Palavra do Evangelho e pô-la em prática a serviço dos mais humildes.

2. A formação continua a ser uma prioridade na Igreja e na Ordem. A Exortação Apostólica Pós-sinodal *Pastores dabo vobis* (1992, nn. 43-59), em sintonia com as áreas fundamentais do crescimento humano, indica as quatro dimensões que jamais devem faltar em um projeto formativo: humana, espiritual, intelectual e pastoral. Em seguida, um outro documento pós-sinodal, *Vita Consecrata* (1996, n. 65) acrescenta a dimensão carismática, específica para a formação à vida religiosa.

3. A dimensão carismática põe em evidência a especificidade de cada família religiosa, ou seja, os valores próprios que, com suas diferenças, enriquecem a constituição própria da Igreja. Por sua vez, os valores carismáticos, em forma dinâmica e criativa, dão o caráter específico às demais dimensões. Trata-se de uma tarefa sempre em devir, que garante o significado da nossa forma de ser e de viver na Igreja. Por outro lado, os nossos valores carismáticos estão em estreita sintonia com os grandes valores humanos do amor, da liberdade e da justiça, vividos em perspectiva evangélica.

4. A *Bondade* é o fio carismático que põe todas as dimensões em relação entre si. A antropologia franciscana, caracterizada pelo seu dinamismo e otimismo, abre todo o processo formativo propondo um caminho (*itinerarium*), no qual o desejo (*desiderium*) profundo e sincero do bem (*bonum*) ocupa o centro do coração, convidando-nos a nos esvaziarmos de tudo o que impede a manifestação da bondade original (*paupertas*). Somente a não apropriação garante relações de *liberdade* e de *gratuidade* (*gratis*).

5. *O método integrativo* exige que todas as dimensões, com suas respectivas forças carismáticas, estejam presentes de modo processual e progressivo nas diversas etapas do processo formativo. A formação à vida consagrada deve ter sempre a prioridade, evitando que a formação intelectual, em vista dos ministérios ordenados, acabe por desnaturalizar a nossa forma de vida carismática e transforme as fraternidades formativas em seminários diocesanos.

I. Dimensão carismática. O dom de ser frade menor

E devolvamos todos os bens ao Senhor Deus Altíssimo e sumo e reconheçamos que todos os bens são dele e demos graças por tudo a ele, de quem todos os bens procedem (RnB 17,17).

I.I. O nosso carisma como dom

6. A gratuidade constitui o coração do franciscanismo. Recebemos tudo gratuitamente para que, por sua vez, gratuitamente o doemos. O processo formativo nos ajuda a reconhecer com gratidão e acolher com responsabilidade o dom precioso da nossa própria vida e da nossa própria vocação. Os dons não são para nosso próprio benefício, mas antes, para os outros. A consagração exige que nos doemos segundo o estilo de Jesus, que doou a própria vida livre e generosamente para o Bem da humanidade. A fraternidade é o lugar primeiro do nosso doar-nos e nela também nos fazemos responsáveis pelos diferentes dons dos irmãos.

7. O primado do Bem ocupa o centro da visão franciscana da vida. O nosso mundo, aos olhos de Deus, é bom. Este otimismo antropológico e criacional, ao invés de alimentar uma posição ingênua diante das sombras e dores que o ser humano provoca e sofre, insere-nos de forma mais plena na interioridade do quanto acontece, e nos convida a fazer emergir o bem que, sepultado pela injustiça, é próprio de toda criatura e, especialmente, do homem. A nossa vocação de irmãos se realiza em difundir e consolidar o Bem.

8. O desejo de ser e de viver como Jesus em uma fraternidade em meio ao nosso mundo, em simplicidade e alegria, é o maior Dom recebido. Fraternidade e minoridade são os caracteres da nossa identidade: ser irmão de todos sem excluir ninguém; acolher preferencialmente os menores da nossa sociedade; ser livre diante de toda tentação de poder; ser rico de afetos e sentimentos; viver uma sã tensão entre contemplação (lugar onde se elabora o desejo do Bem) e missão (lugar onde se compartilham de modo solidário e gratuito os bens recebidos). A nossa forma de vida capuchinha é um presente de Deus à Igreja e à sociedade.

I.II. A fraternidade

9. Deus mostra a sua identidade no seu modo de se relacionar. O Bem se comunica através do amor livre e gratuito entre as Pessoas Divinas. O Criador não se apropria de nada para si mesmo, mas, ao contrário, deseja compartilhá-lo conosco. O Pai, fonte de todo bem, oferece-nos no Filho um modelo e um projeto de humanidade e, no Espírito Santo, a sua força e a sua criatividade para realizá-lo. Quando agimos em relação com e para os outros, estamos construindo a nossa identidade à Imagem e Semelhança da Trindade, compartilhando a bondade recebida e estabelecendo entre nós relações fundamentais no amor, na liberdade e na justiça.

10. Sem relações, não se tem fraternidade. Por isso, o nosso primeiro compromisso e vocação é nos tornarmos frades menores, segundo o estilo de Jesus, que não se apropriou de sua condição de Filho, mas se fez irmão de todos sem excluir ninguém. As relações fraternas nos oferecem um espaço de crescimento humano e espiritual, no qual aprendemos a viver, contemplar, estudar, refletir, discernir e decidir todos juntos em fraternidade.

I.III. A minoridade

11. Jesus nos apresenta um Deus que ama fazer-se pequeno e revelar-se aos humildes e aos simples. É na cruz, mistério de revelação da pequenez de Deus, onde o amor se realiza verdadeiramente no esvaziar-se total e no doar-se incondicionado. Este é o fundamento da minoridade. Trata-se de algo qualitativo, não quantitativo, que, por sua vez, dá forma às nossas maneiras de desejar, desmascarando a tentação de ser e de fazer coisas grandes. Francisco descobre nos pobres e nos crucificados a arte de construir relações de gratuidade e uma nova maneira de considerar o mundo, centrada no que é fundamental. Nesta mesma direção, a reforma capuchinha consegue conjugar de modo singular a sobriedade com a busca do essencial.

12. O essencial sempre tem a ver com as relações. A acolhida, o diálogo e a aceitação da diversidade são imprescindíveis para poder construir relações transparentes e inclusivas em nossas fraternidades. Minoridade é também abertura mental e flexibilidade diante de toda ideologia cultural ou religiosa que ameaça a nossa identidade carismática, impedindo o testemunho da vida fraterna e a colaboração em diversos níveis entre nós.

I.IV. A contemplação

13. O olhar contemplativo de Deus repousa sobre os pobres de coração, sobre os aflitos, sobre aqueles que não possuem nada, sobre aqueles que têm fome e sede de justiça, sobre os misericordiosos, sobre os puros de coração, sobre aqueles que trabalham pela paz e sobre os perseguidos por causa do bem (Mt 5,3-10). Contemplar significa desejar ter o olhar de Deus conseguindo ver o que outros não se arriscam a olhar. Quem escuta a voz de Deus, prepara o ouvido para escutar os lamentos dos pobres. A reforma capuchinha nasce com o profundo desejo de retornar aos eremitérios e lugares afastados que favorecem o encontro com Jesus pobre e crucificado, onde o silêncio se transforma em serviço e consolação para os doentes de peste, e a contemplação se torna compaixão.

14. Contemplar juntos significa compartilhar espaços e tempos afetivos para agradecer juntos os dons recebidos. A oração é louvor de agradecimento que nasce da contemplação, quando descobrimos a bondade de Deus que habita em nós. A prática da contemplação purifica e transforma as nossas imagens de Deus até chegar ao Deus da gratuidade que, por sua vez, fundamenta a gratuidade com a qual construímos as nossas relações fraternas. Sem contemplação, não há fraternidade.

I. V. A missão

15. *De graça recebestes, de graça deveis dar* (Mt 10,8). Uma autêntica fraternidade menor e contemplativa se torna sensível às necessidades e aos sofrimentos dos homens e se abre à busca de novos caminhos de justiça, de paz e de cuidado da criação. A nossa missão é a de descobrir todo o bem que há ao nosso redor para zelar por ele, ajudá-lo a crescer e compartilhá-lo em primeiro lugar com aqueles que, injustamente, são privados dos bens comuns da terra destinados a todos.

16. Já passou o tempo dos projetos pastorais individuais. Não nos formamos para sermos heróis, mas para sermos irmãos, para testemunhar através de nosso mundo relacional a beleza do Evangelho. A vida fraterna é o primeiro serviço de evangelização; por isso, tudo o que fazemos é expressão de toda a fraternidade. Como capuchinhos, continuamos a ser enviados lá aonde ninguém quer ir, para nos dedicarmos juntos, e juntos construirmos espaços de fraternidade em zonas de conflito e de fronteira: espaços privilegiados para viver o dom da gratuidade.

I.VI. A reforma

17. A reforma capuchinha não é somente um fato histórico do passado, mas é uma postura de vida que faz parte da nossa identidade carismática. O desejo de se renovar continuamente convida a olhar adiante, evitando as nostalgias do passado e aceitando os riscos que traz consigo o caminhar rumo a um futuro não escrito. Diante das profundas mudanças sociais, a resposta cristã não é o medo que nos fecha na segurança falsa e ilusória do tradicionalismo, mas, ao contrário, somente a fé e a confiança podem nos ajudar a intuir a estrada. Levantar-se e caminhar e voltar a recomeçar, com o Evangelho e as intuições de Francisco e Clara no coração. Sempre juntos.

II. Dimensão humana. *Aprender a ser irmãos de todos*

*Quanto é o homem diante de Deus
tanto é e não mais* (Adm XIX)

18. As rápidas mudanças culturais estão transformando não apenas o que fazemos, mas também o que somos. A internet e as redes sociais romperam as barreiras tradicionais do tempo e do espaço, abrindo novos modos de compreender o mundo e as relações humanas. A antropologia franciscana atual enfatiza o caráter dinâmico de tudo o que é criado. Em seu dinamismo, cada criatura é chamada a conquistar a sua plenitude. A identidade se forma e se exprime no próprio momento em que estamos vivendo. Daí, surgem as perguntas em relação a quem quero ser, como quero viver e quais quero que sejam os meus valores. Depende de nós de qual modo queremos nos inserir neste mundo e como participar do desígnio da sociedade atual, da cultura e da Igreja. Deus nos cria capazes e responsáveis por construir a nossa própria identidade pessoal e institucional.

II.I. Antropologia positiva. O homem *Imago Dei*

19. *Façamos o homem à nossa imagem e segundo a nossa semelhança... E Deus viu tudo quanto havia feito e eis que tudo era muito bom* (Gn 1,26.31). Longe de qualquer tipo de pessimismo antropológico, o pensamento franciscano intui com entusiasmo a bondade de cada ser. Falamos de *graça original*, isto é, da bondade que Deus pôs em cada um de nós, da capacidade de reconhecer em Deus a fonte de todo o Bem e, conseqüentemente, o bem que Ele realiza através de todas e de cada uma de suas criaturas.

20. Deus, Sumo Bem, através do mistério da encarnação nos fez partícipes da sua bondade, propondo-nos o seu Filho como modelo antropológico de referência e fonte de plenitude: a sua liberdade, o seu modo de amar e o seu compromisso com a justiça são para nós caminhos de crescimento humano e espiritual. A nossa formação, através de um processo de acompanhamento personalizado, oferece os instrumentos necessários para nos tornarmos autênticos homens livres, maduros afetivamente e compassivos.

21. Chegamos a ser verdadeiramente adultos quando conhecemos as motivações que movem a nossa vida e agimos em harmonia com elas. Na vida religiosa, o caminho de amadurecimento e de purificação das motivações exige o conhecimento de si mesmos, a aceitação da própria realidade psicossocial e a capacidade de doação gratuita. Também Jesus, de forma dinâmica e livre, construiu a sua própria identidade, fazendo coincidir as suas opções fundamentais com o plano que Deus Pai tinha para ele. Trata-se de ter os mesmos sentimentos de Jesus e de interiorizar os seus valores. Assimilação e transformação são o resultado final do processo formativo.

II.II. As dimensões existenciais da pessoa humana: *solidão e relação*

22. Quem não sabe estar só, não sabe viver com os outros, e vice-versa; pois nem a solidão nem a fraternidade são refúgios para quem tem dificuldades no encontro consigo mesmo ou com os outros. A incapacidade de gerir os espaços de solidão e de silêncio costuma ser fonte de conflitos, geralmente de tipo afetivo. O silêncio interior e a solidão contemplativa tornam possível o encontro consigo mesmos e estimulando a capacidade de reflexão crítica, condição necessária para o diálogo e a comunicação com os irmãos.

23. Solidão *última* e relação constituem o fundamento da antropologia franciscana. O nosso estilo de vida reflete o nosso modo de ser e de situar-nos no mundo. As relações fraternas nos fazem mais humanos e, ao mesmo tempo, nos protegem do individualismo e da autossuficiência. Somente quem é livre é capaz de criar espaços de interdependência: sem liberdade não há dignidade humana nem relações afetivas sãs. Querer ser e construir um mundo afetivo como o de Jesus, estabelecendo relações de liberdade e de gratuidade, exige conhecer as próprias capacidades, para poder gerir melhor os sentimentos, as emoções e os desejos, e orientar toda a nossa vida para o Bem.

24. A liberdade nos libera de tudo o que impede a presença do bem, e nos torna capazes de amar algo diverso de nós mesmos: trata-se da abertura aos outros. Na vida fraterna, cada um busca antes de tudo o bem do outro, dado que as relações se nutrem do Bem que Deus faz por meio de cada irmão. A consciência crítica torna possível o discernimento entre o bem e o mal, pois recusar-se a pensar e assumir a responsabilidade dos próprios atos gera, em não poucas ocasiões, o crescimento do mal. O bem verdadeiro sempre é compartilhado e se reconhece pelo seu caráter inclusivo. Chegamos a fazer o bem quando praticamos a misericórdia e a compaixão; ao contrário, o mal sempre alimenta a insensibilidade, e o indicador da sua presença é a falta de solidariedade. Sempre, o mal pior é a indiferença.

25. Os processos de formação devem prestar maior atenção à dimensão psicoafetiva e sexual. Trata-se de uma realidade rica e complexa que permeia a vida inteira e exige uma abordagem múltipla, que tenha presente os progressos das ciências sociais e humanas, especialmente os da neurociência. A identidade franciscana enfatiza alguns elementos que, interpretados nos diversos contextos culturais, ajudam-nos a orientar a nossa identidade sexual em uma determinada direção: o silêncio contemplativo, as relações fraternas, o encontro com os pobres, o trabalho manual que põe o nosso corpo em contato com a terra, a paixão pelo Reino, o compromisso com a justiça... são espaços potenciais de sã gratificação, necessários para poder assumir positivamente toda a nossa energia psicosssexual. O cultivar uma autêntica amizade nos ajuda a amar e a deixar-nos amar com liberdade.

26. Uma vida sem paixão e sem riscos é uma vida triste e enfadonha. Tradicionalmente, o *eros* se traduz em paixão e criatividade, enquanto que a *ágape* exprime melhor a gratuidade nas relações. A *ágape* libera o *eros* do desejo de posse e de poder, que transforma as pessoas em simples objetos de prazer em função da satisfação das próprias necessidades. Por outro lado, o *eros* integrado e canalizado, mas não anulado ou reprimido, permite à *ágape* desejar com paixão: buscar Deus, ser como Jesus, usufruir das relações humanas e da amizade.

II.III. Cada ser humano é uma criatura única e irrepitível

27. A tradição franciscana descobre de novo o valor do indivíduo concreto. Deus nos criou únicos e irrepitíveis, com dons e talentos diversos. Cada irmão é uma obra de arte individual que, através do exercício da responsabilidade pessoal, deve descobrir suas próprias capacidades e o modo criativo de trazê-las ao mundo.

28. Francisco se apresenta como o *Homo nudus*. A nudez é a imagem da criaturalidade. Ser criatura significa aceitar ser pobre para poder ser rico de sentimentos e de experiências. Isso exige que nos despojemos dos próprios medos e inseguranças e assumamos, de forma harmoniosa, as limitações próprias da nossa condição humana. Somente pobres e desnudos, como Jesus na cruz e Francisco na hora de sua morte, fazemos experiência da autêntica liberdade.

29. *Louvado sejas, meu Senhor, por nossa Irmã, a Morte corporal*. A morte é própria da condição humana. Quem é capaz de imaginar a própria morte e se colocar em

relação com ela como uma irmã, é capaz de dar sentido e significado à própria vida. Na morte, tudo se torna experiência definitiva, completa. Francisco aceitou a morte cantando (*mortem cantando suscepit*, escreve Celano). Não se trata de uma alegria separada da dor; ao contrário, é o momento no qual tudo o que foi vivido, sofrido e amado não é perdido, mas se torna transparente. No fim, nada é esquecido, tudo é acolhido. A vida é um dom e a morte é parte deste imenso dom. Poderíamos dizer, até mesmo, o último presente de Deus, pois somente a experiência da morte nos desperta do sonho de onipotência e nos faz voltar à realidade de criatura, à vida rica e plena de experiências de quem se esvaziou para se preencher, enfim, de amor e de liberdade.

III. Dimensão espiritual. *Aprender a desejar*

Bem-aventurado é aquele religioso que não tem prazer e alegria a não ser nas santíssimas palavras e obras do Senhor (Adm XX).

30. O ser humano é constitutivamente religioso. A dimensão espiritual abre e completa a formação de cada ser humano. Admiração, surpresa e estupor são portas que nos convidam ao caminho de busca de sentido da própria vida individual e coletiva. O Deus cristão, através de sua Palavra, vem ao encontro de todos aqueles que o buscam. Tal Palavra tem um rosto concreto: Jesus de Nazaré, no qual se manifestam os verdadeiros rostos de Deus e do homem. O seu seguimento dissipa todos os medos que nos impedem de viver.

31. A ansiosa necessidade de satisfazer imediatamente os desejos acaba por anulá-los. Desejar é uma arte que exige uma postura permanente de purificação das motivações mais profundas. Daquilo que é superficial, chegamos àquilo que é essencial, e aí encontramos os autênticos desejos que tecem o significado da existência. Jesus ocupa o centro dos nossos desejos: ser frade menor consiste em ter seus mesmos sentimentos e critérios, o seu estilo de se relacionar, a sua maneira de compreender e de viver a vida, a sua capacidade de orientar, sempre e em cada momento, todos os desejos para o Bem.

III. I. Francisco, *Homo totus evangelicus*. Espiritualidade da escuta

32. Francisco, *exegese viva da Palavra de Deus*, jamais foi um ouvinte surdo do Evangelho. Propôs-se seguir Jesus mais de perto e estabeleceu, através das Palavras do Evangelho, uma relação pessoal com Ele, relação que permeava todas as dimensões existenciais. Também hoje, Jesus continua a falar-nos por meio do Evangelho e nos convida a uma relação pessoal e afetiva, que vai para além de uma abordagem intelectual ou meramente informativa, das suas palavras.

33. A base e o fundamento do nosso carisma é a escuta e a prática do Evangelho, que se faz para todos os frades menores o *humus* da nossa formação: *A regra e a vida dos Frades Menores é esta: observar o Santo Evangelho (RB 1)*. Francisco se apresenta como modelo de vida espiritual (*forma minorum*), ajudando-nos a superar, de uma parte, o fundamentalismo, e, da outra, o sentimentalismo devocional, colocando ao centro a dimensão relacional: o encontro pessoal com

Jesus vivo e presente na sua Palavra. Sem este encontro, não há experiência de vida.

34. Em suas Admoestações, Francisco recorda que diante da Escritura há duas posturas: *a daqueles que só desejam conhecer as palavras, para serem tidos como mais sábios entre os outros, e a daqueles que não atribuem ao corpo toda letra que sabem e desejam saber, mas por palavra e exemplo devolvem-nas ao altíssimo Senhor Deus, de quem é todo bem* (Adm VII). Apropriar-se da Palavra e contentar-se com a mera análise e conhecimento acadêmico impede de crescer e de abrir-se ao aspecto relacional; ao contrário, a dinâmica da restituição – dar e receber – ajuda a crescer e a transformar a própria vida e a das nossas fraternidades.

35. A Palavra de Deus foi entregue ao Povo de Deus: a Igreja. Deve-se insistir na centralidade do critério eclesial: é a comunidade cristã, e não a pessoa individualmente, o lugar original e primeiro no qual a Palavra se *escuta*, se *interpreta* e se *discerne*. Para nós, a comunidade cristã é a fraternidade. A comunhão fraterna entre aqueles que compartilham o sonho do Evangelho é o espaço de discernimento que mais favorece o crescimento humano e espiritual, auxiliando cada irmão, nas diversas etapas da vida, a estabelecer um diálogo entre o mundo que nos circunda e o próprio mundo interior, através de uma dinâmica de personalização que evite toda espécie de subjetivismos.

III. II. O seguimento de Jesus, caminho de beleza e de liberdade

36. A vida religiosa, como toda vocação cristã, nasce da escuta da Palavra. A radicalidade evangélica consiste em fazer do Evangelho a própria forma de vida. Somente o amor, a beleza e a bondade explicam o mistério da nossa vocação. Viver no seguimento de Cristo, pobre, obediente e casto, é o caminho que forma os núcleos vitais nos quais se exprimem a nossa identidade e a nossa pertença.

37. O espírito das bem-aventuranças (Mt 5,3-12) é o quadro natural de interpretação simbólica da nossa consagração: felizes aqueles que desejam e sonham em ter um coração pobre (pobreza), humilde (obediência) e puro (castidade), pois a graça do Espírito Santo fará da obediência a fonte da liberdade e da autenticidade, da pobreza a fonte da justiça e da solidariedade que se doa e se compartilha, e da castidade a fonte de uma vida fecunda, rica de relações afetivas e de sentimentos de ternura.

38. O viver concreto franciscano dos votos religiosos convida a superar o reducionismo materialista da pobreza e a tentação da indiferença, abrindo caminhos de busca do essencial e impedindo que as coisas materiais criem obstáculos em nossas relações fraternas; protege-nos também do reducionismo psicológico da obediência e da tentação do individualismo, criando espaços fraternos de interdependência; e, enfim, coloca-nos em guarda diante do reducionismo biológico da castidade e da tentação da tristeza do coração, propondo uma vida afetiva aberta, capaz de assumir a solidão e fazendo-nos próximos dos pobres e daqueles que sofrem.

III. III. A contemplação que convida ao seguimento

39. Os processos formativos que não favorecem o silêncio e a interioridade correm o risco de promover uma espiritualidade superficial e devocional. O silêncio, ao invés de nos afastar das dificuldades do povo, permite-nos ouvir os gritos e lamentos do nosso mundo e sermos sensíveis para com aqueles que os clamam. Sem um tempo para a profundidade e sem silêncio, não há oração nem contemplação. Quem inicia o caminho de formação à nossa vida deve estar aberto e ser capaz de abandonar aquelas imagens pré-formadas de Deus que impedem uma autêntica postura de busca e de escuta.

40. A rica tradição capuchinha nos transmitiu diversos métodos de oração mental e afetiva. Um desses métodos, muito em sintonia com a narrativa bíblica, propõe-nos fazer uma leitura de fé e, após uma análise das posturas dos diversos personagens do texto bíblico, identificarmo-nos com um deles, evitando sermos simples expectadores para nos tonarmos, ao invés, atores e protagonistas revestidos da Palavra.

41. A contemplação franciscana tem algumas características próprias. Contemplamos em fraternidade Cristo pobre e desnudo, que se identifica com os pobres e com aqueles que sofrem. Contemplar, neste caso, significa deixar-se contemplar; olhar, deixar-se olhar; amar, deixar-se amar, renunciando a qualquer vontade de apropriação ou de domínio da coisa contemplada. Todo o nosso esforço deve consistir em não fazer nada. Ele é o protagonista, não nós. Será o Amor que, pouco a pouco, nos transformará naquilo que contemplamos e nos introduzirá na pedagogia do dom, no qual tudo o que se recebe é, por sua vez, restituído. Os frutos da contemplação são para serem doados, sem esquecer que o fim último de todo ato contemplativo, em perspectiva franciscana, é sempre a compaixão.

III. IV. Vida sacramental, devoções e santidade

42. Os sacramentos da Eucaristia e da Reconciliação ocupam um lugar fundamental em nossa vida diária. Na Eucaristia, mistério de amor e de justiça, Jesus continua a se fazer *Pão da Vida*, que se doa gratuitamente para alimentar o desejo de nos transformar também em pão que se doa aos outros. Ao mesmo tempo, conscientes da fragilidade das relações humanas e da tendência à apropriação, o sacramento da Reconciliação nos ajuda a superar qualquer tentação de pessimismo e a pôr toda a nossa confiança na força transformadora do amor. Para não cair no devocionalismo, evitemos a celebração individual dos sacramentos.

43. Por meio da Liturgia das Horas, além de nos unirmos à oração universal da Igreja, de alguma forma nos unimos às alegrias e aos sofrimentos do nosso mundo. Os salmos reúnem, em uma só voz, as vozes de todos os homens: as experiências, os sentimentos e as emoções humanas, que vão desde a alegria e do louvor ao grito de lamento, sustentado sempre pela esperança. Nada do que é humano nos é estranho. A sensibilidade e a criatividade litúrgica de São Francisco e a sobriedade nas celebrações litúrgicas dos primeiros capuchinhos devem ser sempre fonte de inspiração e renovação.

44. Santa Maria, *Filha do Pai, Mãe do Filho e Esposa do Espírito Santo*, é forma da Igreja e modelo de todo discípulo, pois acreditou e pôs em prática os ensinamentos do único Mestre. Juntamente com ela, a sabedoria espiritual de Clara e de Francisco são referências fecundas em nosso contínuo caminhar rumo a Cristo.

45. Também hoje o fim último da nossa vida é o de nos tornarmos santos. A proposta de ser *capuchinho, missionário* e santo deu à Igreja e à Ordem numerosos frutos de santidade. Contudo, a sensibilidade atual nos convida a superar o modelo de santidade heroica individual e a dar maior atenção à vida fraterna como fonte de santidade: comunidades santas comprometidas com o seguimento de Jesus e na criação de projetos de vida fecundos e dignos.

IV. DIMENSÃO INTELECTUAL. *Aprender a pensar com o coração*

*Onde há caridade e sabedoria, aí
não há temor nem ignorância
(Adm XXVII).*

46. A *identidade fraca* é uma das características da nossa cultura. Sem identidade, evanece-se existencialmente. As diversas etapas de formação devem ajudar-nos a construir uma estrutura mental (*forma mentis*) que alimente e sustente os diversos modos de dar significado à realidade (*forma vitae*): quem não vive como pensa, acaba pensando como vive. O pensamento franciscano apresenta uma forma peculiar de contemplar e viver a profundidade inesgotável e variada do mistério da realidade. Seu ponto de partida é a reflexão filosófica e teológica das experiências vitais de São Francisco.

47. A dimensão intelectual franciscana não se reduz ao estudo, mas, ao contrário, assume de modo dinâmico todas as outras dimensões da vida, em uma visão do pensamento franciscano na qual a inteligência guia a vontade rumo ao amor, dando prioridade à vida afetiva no conhecimento da realidade: conhece-se bem somente o que se ama.

IV.I. Aprender a aprender

48. A capacidade relacional, a abertura mental, a tolerância e a flexibilidade são elementos imprescindíveis da personalidade de quem escolhe a vida fraterna como espaço de crescimento humano e espiritual. A sabedoria da vida nos convida a assumir as próprias capacidades e os próprios limites; antes, a descobrir que os erros fazem parte do caminho de aprendizagem. Com humildade reconhecemos as qualidades que Deus nos deu para o serviço da fraternidade. Os dons que Deus pôs em nossas vidas são um presente e uma responsabilidade. A vida em fraternidade exige proteger os dons dos irmãos, aceitando a riqueza que supõe o fato de sermos diferentes e deixando de lado o medo: *por isso fiquei com medo e escondi o teu talento no chão. Aqui tens o que te pertence* (Mt 25,25). Deus nos pedirá as contas do quanto nos deu.

49. A cultura atual é cheia de desafios antropológicos que exigem uma grande sensibilidade na nossa formação para nos aproximarmos do mistério humano, de modo exigente, crítico e, ao mesmo tempo, humilde. Somos chamados a ser *peritos em humanidade*, sabendo ler e interpretar as expectativas e os temores dos nossos contemporâneos, compreendendo as suas motivações, discernindo as suas dúvidas, acompanhando os sofrimentos, oferecendo, por meio da proposta e do diálogo, a sabedoria do mistério cristão como significado existencial.

50. O modo de olhar o mundo não pode ser desligado da vida afetiva. Deus o pôs em nossas mãos confiando em nossa responsabilidade e criatividade: fora do mundo, da realidade concreta na qual estamos inseridos, não há salvação. A contemplação se torna uma fonte de conhecimento que traz consigo ternura e esperança: somente o amor pode curar as feridas do mundo, enquanto que, ao mesmo tempo, faz-nos conscientes de seus desequilíbrios. O homem, e não o que o homem produz, deve estar no centro da atenção, criando uma cultura da fraternidade real, na qual se reconheça e se valorize a necessidade que temos uns dos outros e, ao mesmo tempo, reforce-se a confiança na bondade do ser humano e na sua capacidade de praticar a compaixão.

IV. II. Intuição, experiência, afetividade, relação

51. A tradição franciscana busca superar o dualismo entre vida e estudo. O mistério trinitário ilumina as faculdades humanas, ampliando a visão antropológica. Assim, na *memória*, ligada à pessoa do **Pai**, reside a *imaginação* e a *criatividade*; na *inteligência*, vinculada ao **Filho**, repousa a capacidade de raciocinar e a busca de sentido; e, enfim, na *vontade*, associada à pessoa do **Espírito Santo**, reside a capacidade de desejar, que se exprime sempre através do amor.

52. A inteligência humana assume dinamicamente e progressivamente os conhecimentos, as habilidades e as atitudes que, de modo intuitivo, dão sentido à própria vida e orientam a vontade, para que o desejo encontre o que é verdadeiro, o que é belo e o que é justo. O saber se torna sabedoria graças aos sentidos que nos introduzem no mundo da experiência e dos afetos: a verdade se manifesta somente no amor. Viver é fazer experiência da vida, construir-nos, realizar-nos, dar o melhor de nós. Não estamos na existência para preencher-nos de conhecimentos e fazer muitas coisas. Temos valor pelo que somos, não pelo que sabemos ou fazemos.

53. Para a tradição franciscana, o ser humano não é apenas um animal racional, é também uma criatura do desejo, sempre em relação com o Deus do desejo. Pensar e desejar corretamente, de modo franciscano, é também objeto de formação, isto é: trata-se de saber *o que se quer e como se quer*. O exercício de purificação das motivações da própria vontade deve favorecer estilos de vida coerentes com as relações fraternas, as práticas pastorais, a visão do mundo, da economia e da política; e tudo isso deve ser incorporado na própria vida, de modo gradual, em cada uma das etapas de formação.

IV. III. Transformar juntos o mundo através da nossa pobreza

54. A força transformadora da reflexão não pode reduzir-se ao âmbito do pensamento individual e intimista. É a fraternidade aquela que sente, pensa, contempla, compromete-se e opera. Nos programas de formação acadêmica, deve-se insistir na necessidade de uma metodologia que favoreça dinâmicas de grupo que nos ajudem a pensar juntos, superando a competição, a autossuficiência, o narcisismo intelectual e, ao mesmo tempo, ajudem-nos a criar um pensamento comunitário e a estabelecer um diálogo interdisciplinar entre os diversos campos de conhecimento. Trata-se de pensar e operar juntos, pois o conhecimento não é apenas inteligência, mas também experiência de vida, e a vida é feita de relações.

55. Antes de ensinar, deve-se ter a humildade de aprender. Os pobres, vigários de Cristo, tornam-se fonte de conhecimento e de sabedoria para Francisco. Eles são os nossos mestres. As periferias geográficas e existenciais constituem lugares preferenciais para tornar real o encontro entre o estudo e a vida. A capacidade, a paixão e a criatividade, com o auxílio da inteligência e da razão, comprometem-se com a justiça, a solidariedade e a igualdade. O maior desafio do mundo contemporâneo é que nenhum ser humano se sinta excluído. O saber serve para servir.

56. A formação intelectual toma como ponto de partida o próprio contexto cultural: família, escola, religiosidade, ritos, relações, língua, modos de compreender e de exprimir a realidade, etc. Consequentemente, a primeira exigência é a de conhecer e amar a própria cultura, não a absolutizar e não perder a capacidade crítica diante de seus limites. Por outro lado, a formação à interculturalidade se torna sempre mais exigente: acolher o que é diferente, saber estar em relação com o outro, desenvolver a capacidade afetiva para o diálogo. A tarefa de interpretar o pensamento franciscano nas diversas culturas continua aberto.

57. São Boaventura, no *Itinerário da mente para Deus*, indica as posturas que deve ter quem encara a prática do estudo e da reflexão do ponto de vista franciscano: *Que não venha a crer que baste a leitura sem a unção, a meditação sem a devoção, a indagação sem a admiração, a atenção profunda sem a alegria do coração, a atividade sem a piedade, a ciência sem a caridade, a inteligência sem a humildade, o estudo sem a graça divina, o espelho sem a luz sobrenatural da divina sabedoria.* Estas palavras estão em perfeita sintonia com a recomendação que São Francisco faz a Santo Antônio e que continua válida também hoje: *Agrada-me que ensines sagrada teologia aos frades, contanto que, nesse estudo não estingas o espírito de oração e devoção, como está contido na regra.*

V. DIMENSÃO MISSIONÁRIA-PASTORAL. *Aprender a anunciar e a guardar a fraternidade*

Não façam nem litígios nem contendas, mas estejam submetidos a toda criatura humana por Deus e confessem que são cristãos (RnB 16)

58. *Viver juntos como irmãos menores é o elemento primordial da vocação franciscana (Const. 24,7), que, por sua vez, torna-se o primeiro elemento da evangelização. A fraternidade e a missão são a nossa razão de ser, e não é a eficácia pastoral, mas a qualidade das nossas relações o que nos define carismaticamente e nos faz testemunhas autênticas do Evangelho.*

V.I. A missão do Filho: fazer-se nosso irmão

59. Em Jesus, a Trindade se manifesta como mistério de amor e de comunhão. Deus quis, livre e gratuitamente, compartilhar a sua intimidade com cada um de nós. Ele nos escolheu e predestinou para sermos membros da sua família. Justamente nisso consiste a missão do Filho: em se fazer nosso irmão, para que cheguemos a ser filhos e aprendamos a ser irmãos.

60. O sacramento do Batismo nos faz discípulos e missionários. Compartilhamos espaços privilegiados de intimidade com o Mestre quando escutamos a sua Palavra, partilhamos o pão da Eucaristia e o contemplamos no rosto dos pobres. Desta intimidade, nasce o desejo da Missão: construir juntos o Reino dos céus aqui na terra. Sem fraternidade e sem contemplação não há missão.

V. II. A nossa vocação eclesial

61. A missão é a razão de ser da Igreja: se existe, é para evangelizar. O próprio Jesus, lavando os pés aos discípulos, mostra claramente o significado e a missão de toda a comunidade eclesial: amar, lavar e curar as feridas do nosso mundo. Por sua vocação de serviço, a Igreja é chamada a encarnar-se também nas periferias existenciais, criando espaços de humanidade, trabalhando pelo bem comum e a construção da paz.

62. São Francisco, *Vir Catholicus*, submete o seu projeto de vida ao discernimento da Igreja que, através de seu magistério, ajuda-nos a compreender a beleza e as exigências da vida evangélica. A Igreja reconhece que o seu projeto não é um sonho impossível: viver como verdadeiros irmãos em meio a um mundo inimizado e dividido é o modo mais fiel e mais belo de anunciar Jesus e seu Evangelho.

63. A força carismática da nossa vocação capuchinha, comprometida com a missão da Igreja, faz de nós peritos em comunhão através do testemunho das relações que entrelaçam a vida fraterna. Jamais sós, sempre em fraternidade. Nenhuma atividade se realiza a título pessoal. Somos enviados pela fraternidade, e a nossa

missão tem sentido somente se nos mantivermos em comunhão. O aspecto comunitário da atividade pastoral é o melhor antídoto contra o ativismo e o individualismo, e nos protege, por sua vez, da tentação do narcisismo apostólico, de muitas patologias afetivas ou do uso impróprio do dinheiro.

V. III. Formados para a Missão

64. A missão ocupa um lugar central na história da Ordem. Todas as etapas da formação devem ter a missão em seu horizonte. Um processo de iniciação, contínuo e coerente, deve ajudar-nos a encarnar os nossos valores carismáticos e a superar qualquer tipo de dificuldade cultural.

65. Os projetos formativos das diversas circunscrições devem favorecer a mentalidade pastoral por meio de itinerários diversificados que levem em conta os dons e os carismas próprios de cada irmão. Todos os irmãos devem ter os mesmos direitos e as mesmas oportunidades de formação. Por outro lado, deve-se buscar um equilíbrio entre os conteúdos e as experiências, de tal maneira a garantir uma formação integral. Todas as experiências pastorais devem ser acompanhadas e avaliadas pontualmente.

66. Ao término do processo da formação inicial, os frades devem ter um suficiente conhecimento do mundo atual na sua realidade local e na sua dimensão universal, e ter adquirido os instrumentos necessários para fazer um discernimento pastoral nos diversos ambientes socioculturais. Um frade menor se distingue pela sua proximidade e solidariedade com os pobres, os enfermos e os imigrantes; pelo seu apreçamento e respeito pelas diversas culturas, pelos diversos grupos étnicos, pelas diversas línguas e religiões; pelo seu comprometimento com a justiça social, pelos desafios da construção da paz e pelas políticas que favoreçam o cuidado ecológico do planeta.

67. O nosso mundo é sempre mais multiétnico e multicultural. É urgente aprender a nos situarmos nesta nova realidade de mudança. Faz parte da nossa missão a criação de espaços de escuta e de diálogo que tornem possível o encontro entre fé e razão, entre crentes e não-crentes, entre as diversas confissões cristãs e entre as diferentes religiões. Por isso, são necessárias abertura e flexibilidade, evitando todo tipo de fundamentalismo e de posturas que impeçam de compreender a parte de verdade no amor que está presente nos outros.

68. Em nosso mundo, os modos de comunicação e relação estão em contínuo processo de transformação e mudança. Os projetos de formação devem ter especial atenção quanto ao modo de integrar o pensamento e a ação nas novas linguagens digitais, com mentalidade inteligente, crítica e criativa. Os meios de comunicação social tocam pontos centrais do nosso mundo cognitivo e afetivo, e nos ajudam a compartilhar experiências, conhecimento, trabalho e entretenimento. Contudo, um uso correto, segundo critérios evangélicos, exige que estejamos atentos às dependências, ao uso do tempo, ao impacto nas relações fraternas, ao trabalho pastoral e intelectual, etc. Devemos nos formar para participar ativamente e com critérios claros da nova cultura digital.

69. A nossa vida é chamada a ser símbolo escatológico; a sustentar a esperança de tantos homens e mulheres. A nossa fraternidade é antecipação de um Reino no qual não haverá morte nem sofrimento, nem pranto, nem dor (Ap 21,4). Somos missionários quando anunciamos com o testemunho da nossa vida fraterna o Evangelho do encontro e a alegria do serviço; quando humanizamos a terra criando vínculos de fraternidade; quando, com gratidão e admiração, contemplamos a beleza da criação; quando reconhecemos o bem que Deus continua a realizar em cada ser vivo; quando, unidos ao canto de Maria, primeira missionária, proclamamos as grandezas que Deus continua a fazer em cada um de nós.